

## O CÂNTICO DE DÉBORA

*Ruth Leftel*

*Nelson Rozenchan*

O “Cântico de Débora” (Juízes 5) é uma ode triunfal que celebra a derrota e morte de Sisera no vale de Jezreel, junto ao rio Kishon, perto de Meguido; foi possivelmente composto imediatamente após a vitória (cerca de 1150-1100 a.C) (1). É por isto um dos mais antigos monumentos da literatura hebraica ainda existentes; somente uns poucos pequenos poemas no Pentateuco podem pertencer a tempos mais antigos. É a única fonte historicamente importante, contemporânea com os eventos descritos, antes do tempo de David.

Este cântico marca uma grande crise na história de Israel. Celebra o seu triunfo sobre os Cananeus, na última posição e investida feitas por estes antigos habitantes para retomar seu país. Mais de um século havia passado desde que Josué os destroçara e arruinara na grande batalha junto às águas de Meiroz, e levava os remanescentes de suas tribos divididas até quase o extremo norte, à altura das raízes do Líbano. Silenciosamente, entretanto, os Cananeus estavam juntando força e unidade, até ficarem suficientemente recuperados e consolidados.

Jabin (em hebraico: Iavin) era o rei de Canaan. Jabin, significando “o sábio” ou “aquele que discerne”, parece ter sido o nome comum para o chefe que regia em Hazor, assim como o título hereditário do rei do Egito era Faraó.

Foi um Jabin que apareceu à frente dos Cananeus confederados nos dias de Josué; e agora, um outro Jabin, habitante da mesma capital reconstruída sobre suas ruínas anteriores, organizou uma outra confederação destes habitantes do norte, a fim de reduzir Israel à servidão. Tão opressores eram os Cananeus e tão formidável o seu

---

(1) — A data da composição do cântico será discutida adiante, à luz da crítica moderna.

aparato militar, que Israel permaneceu inapelavelmente submisso e intimidado pelos mesmos por vinte anos. Nunca havia o espírito nacional parecido haver afundado tão baixo, e nunca havia sido tão difícil levar o povo a um grande esforço pela sua emancipação.

Nesta época de desespero aparece Débora, uma mulher decidida e corajosa, classificada por alguns como “uma mulher de espírito fogoso” Em sua tenda, colocada sob uma palmeira no caminho para o norte, nas alturas de Efraim, ela julgava o povo e atuava como sua profetiza em tempos arriscados, vivendo de modo simples e digno.

A posição era conveniente e central, ao lado do principal caminho que vai de norte a sul, não longe de onde ficara o famoso carvalho ou terebinto de uma outra Débora, a ama de Jacob, que havia sido enterrada sob o mesmo quatro séculos antes. Ali, os filhos de seu povo podiam se reunir em relativo segredo, à sua sábia juíza, assim como a uma “Mãe de Israel” que os aconselhava. Débora esforçou-se para inspirá-los com seu próprio patriotismo ardente; mas isto não era tarefa fácil quando seus líderes estavam dispersos ou acovardados pelo terror, ante Jabin e seu aparato de 900 carros de ferro.

Por fim, como se para recompensar seus esforços, reavivou-se o espírito nacional, pronto a iniciar uma guerra de libertação do jugo Cananeu. Débora dirige a atenção do povo para um líder militar, pertencente, como de costume, à tribo que tinha sofrido mais severamente a opressão. Na tribo de Naftali situada ao norte, ficava o famoso pequeno santuário Kadesh-Naftali, o lugar sagrado de Naftali. Foi ali que Josué venceu as hostes unidas sob o primeiro Jabin; e no mesmo local surge um outro líder, denominado Barak (cujo nome significa em hebraico trovão) (2), que estava destinado a esmagar os exércitos do segundo Jabin, com uma derrota igualmente memorável.

Débora recebe uma mensagem divina para escolher Barak e enviá-lhe um apelo urgente, pedindo-lhe que se encarregue da perigosa tarefa. Mas Barak estava tão apavorado, que se esquiva da missão, impondo a condição de que Débora consinta em aparecer em pessoa para apoiar e dirigir a batalha com sua coragem e autoridade. Com uma repreensão gentil e com a predição de que uma mulher deveria arrebatá-lo a glória final (3), Débora vai a Kadesh-Naftali e corajosamente ergue ali o estandarte da revolta para Zebulum e Naftali.

---

(2) — O nome Barak ocorreu também sob as formas Fenícia e Cartaginesa de Barca, outro gênio militar.

(3) — A glória final seria a morte de Sisera por Barak porém uma mulher, Jael, a quenita, matou-o.

Sob as vistas da Capital de Jabin, instrui e revista, no local escolhido, Monte Tabor, onde as tribos poderiam se juntar sem temor daqueles terríveis carros de guerra de Jabin com seus ganchos e foices atados às rodas. E tão formidável e bem treinada era a força militar de Jabin que ele não necessitou sair, ele próprio, à batalha, mas entregou a campanha ao seu comandante Sisera, que habitava em Haroshet-Hagoin, onde Jabin tinha suas grandes fundições de ferro, distantes um dia de marcha.

Sisera espalhou-se com seus carros na planície de Jezreel e atravessou o Kishon, para o sul de Jezreel, para evitar que os homens de Efrain e Manissé se unissem a Issachar, Zebulun e Naftali.

A grande planície de Jezreel, a única na região, suficientemente ampla para receber carros e cavalaria e permitir manobras livres, era o grande campo de batalha do país. Em forma de um triângulo isóscele, com o seu lado ocidental no Carmelo, onde o Kishon está junto à montanha, e seus dois outros ângulos junto ao monte Tabor ao norte e monte Guilboa ao sul de sua base oriental. O Kishon, alimentado por uns poucos riachos dos aclives tanto do norte como do sul, flui através do seu centro, enchendo-se rapidamente após qualquer chuva, tornando-se em seu estado de cheia excessivamente perigoso, ao longo de todo o seu percurso.

No cimo do Tabor (ver mapa 2), com sua área plana e ovalada, de cerca de uma milha de circuito, tomou Barak sua posição com seus dez mil homens, pobremente armados, um nada comparado com as hostes de Sisera. Interessados e alarmados, ele devem ter observado os movimentos do inimigo, atravessando a planície em direção ao sul em infindáveis filas. Deve ter parecido loucura aventurar-se sobre aquela hoste, onde os carros tinham terreno tão livre para se movimentar; e o fato de Barak ter acatado as ordens de Débora, de descer e atacar, é a principal evidência que foi “por fé” que ele se tornou valente na luta, e pôs em fuga os exércitos do inimigo. Com olhar atento, Débora observou as manobras do inimigo através do Taanach, cerca de 13 milhas a sudeste de Tabor, e acampando onde as “águas de Meguido” juntam-se às do Kishon, quando flue em uma corrente mais larga dos riachos acumulados através dos prados abaixo.

Quando os Cananeus se recolheram à noite, Débora transmittiu suas ordens a Barak e seus homens para deixar seu vantajoso, mas inútil posto, no cimo da montanha. Eles atravessaram Naim e Eindor aos declives do Guilboa, mais ao sul, e ainda inclinados para a esquerda, evitando o terreno baixo e pantanoso, parecem ter ultrapassado as hostes adormecidas dos Cananeus de madrugada.

A narrativa não fornece particularidades do ataque, mas recorda os seus sucessos; uma forma de expressão que parece apontar uma providencial coincidência que contribuiu para o resultado. Pois, aparentemente, justamente quando Barak desceu abruptamente como um raio sobre os desprevenidos Cananeus, uma fortíssima tempestade de granizo e chuva juntou-se do leste e abateu-se com terrível fúria sobre eles. Os Israelitas, apanhando-a em sua retaguarda, foram, não somente, muito ajudados por ela, mas ainda animados à luta, julgando-se sobrenaturalmente favorecidos.

Pânico e confusão tomaram o lugar da pompa nas hostes de Sisera. A batalha transformou-se numa derrota. O Kishon, entretanto, aumentou o fluxo; a planície tornou-se um local encharcado e os carros em confusão, mergulharam no pântano. Às forças confusas e abatidas, não havia outra alternativa senão permitirem ser dirigidas para noroeste, à passagem que levava a Haroshet. Ali, cavalos, carros e homens se misturaram em grande confusão, empurrando e pisando-se, justamente onde eles deviam atravessar o Kishon, onde este corre mais rapidamente e mais profundamente. Fila após fila, os fugitivos mergulharam desatinadamente, uns seguindo os outros na lama, enquanto centenas eram tragados e arrastados na torrente. (ver mapa 2)

O revés foi repentino e completo — o final sombrio de Sisera, ele próprio selando a destruição das tropas. Tendo cedo perdido todo o controle sobre seus batalhões e vendo o resultado inevitável, forçou seus carros através do barro adesivo, e fugiu a pé; um fugitivo sem qualquer ajuda; subiu uma das ravinas a nordeste entre as montanhas, para achar sua sentença nas mãos de Jael. (ver mapa 1)

Após longa caminhada Sisera alcançou as tendas de Heber o Queneu, sheik da tribo beduina, amiga de Jabin, 10 ou 12 milhas adiante, acampadas mais ao sul que usualmente, para transpor a estação chuvosa. Na ausência de seu chefe, sua mulher Jael, recebeu o fugitivo, oferecendo-lhe sua hospitalidade, amizade e segurança e servindo-lhe leite. Ela cobriu-o com a rústica cobertura de sua própria tenda e encorajado por todas estas circunstâncias, Sisera, fatigado pela fuga, logo adormeceu.

Quando Jael o recebeu, foi provavelmente de boa fé; mas vendo em seu visitante, não mais um grande general, mas um fugitivo completamente perdido, e temendo a vingança de Barak, foi tomada por um impulso de matá-lo. Tomou com a mão esquerda uma das grandes estacas que prendiam sua tenda e com a direita um pesado martelo e, com um golpe transpassou suas têmporas. O gesto de Jael foi cruel, apesar de não sabermos todos os motivos e circunstâncias do

caso, e certamente haveria motivos, pois é glorificada por Débora e por sua tribo também.

Após a descrição do episódio narrado no Cântico, tentaremos abordar a forma e o conteúdo do mesmo, para em seguida dividi-lo por temas.

A maioria dos pesquisadores admitem que o Cântico de Débora é um dos cânticos mais antigos da Bíblia. Muitos pensam que foi composto no próprio campo de batalha, outros, horas ou dias depois, ou ainda uns 250 anos depois, isto é, na época de Saul e David. O Professor Rabin (4) apóia a última hipótese. Diz que este cântico é épico, e se aceitarmos a sua teoria, é difícil de acreditar que o mesmo tenha sido composto no campo de batalha ou mesmo próximo aos acontecimentos. (5) Na verdade muitos dos grandes cantos épicos nacionais, cuja época de composição é conhecida, foram criados centenas de anos após os eventos. (Ex. os cantos de Homero e a Mahabarata) Se o canto épico hebraico, como supos Cassuto, continha a história da saída do Egito e também o Cântico de Débora, sendo que o primeiro foi criado muito tempo após o desfecho da maioria dos fatos, não há nenhum motivo para se supor que o segundo tenha sido composto imediatamente após a guerra contra os Cananeus. Mais ainda, parece que os poemas épicos (como o Mahabarata etc) não foram criados a partir da recente impressão dos acontecimentos e sim no momento em que o povo deles necessitava; isto é, num momento de perigo ou de fraqueza nacional, e sua função é encorajar, descrevendo o heroísmo de eventos anteriores.

Da hipótese do Professor Rabin entendemos que este cântico nacional foi composto na época da opressão filistéia. As descrições da Bíblia comprovam que a fraqueza dos judeus perante os filisteus se explicava além dos motivos geo-políticos, por duas causas: a falta de união tribal e o desarmamento. O autor do cântico entrelaça artisticamente estes dois fatos: a falta de armas nos dias de Shamgar e Jael, e a acusação das tribos que não se uniram para auxiliar o povo num momento de grande esforço.

Gostaríamos (para melhor explicar o que foi dito) de nos deter no 8.º versículo, que nos parece irônico: “D’us amará os novos, se

---

(4) — Rabin I, “Tunim Besefer Shoftim” (Estudos no livro de JUÍZES), p. 108-118, “The World Society for Biblical Research”

(5) — O Professor Cassuto, Moses David, na Enciclopédia Mikrait, esclarece que existem nas histórias de Gênesis e Exodo resquícios de uma criação épica ou cântico épico antigos. Dentre todos aqueles textos poéticos, o caráter épico do Cântico de Débora é o que mais se destaca.

tiverem armas suficientes”; porém, como não há armas suficientes, deve ocorrer o contrário. O autor parece zombar dos “novos” que não possuem armas ou que não fornecem armas. Em árabe “Ahadat” relacionado a “Hadašim” em hebraico, significa: jovens que têm por obrigação lutar. Sabemos que na época dos filisteus, os judeus não se preocupavam com armas. Isto aprendemos das descrições dramáticas, como a de Sansão que precisou lutar com uma queixada de burro, e Shamgar que se utilizou de uma clava de pastor. Mais claro ainda se torna o versículo se lermos: “Harashim” (artesãos) em vez de “Hadašim”; pois assim este versículo concorda com: “E não se encontra um artesão em todo Israel pois os filisteus temiam que os hebreus fizessem espadas ou lanças” (Samuel primeiro, 13, 19), por isso não havia armas no país.

Se a suposição de que o Cântico de Débora é originário da época de Saul, ou mais tardio ainda é correta, qual é o valor histórico do narrado neste canto?

Sabemos que o canto épico em geral vê os fatos do ponto de vista da época em que foram criados. Não é um relato histórico seco, veste seus heróis com vestimentas e costumes da época da composição, guardando até certo ponto detalhes que dão a impressão de serem de uma época mais antiga. Nisto é parecido com o filme épico e histórico dos nossos dias, nos quais se cuida de detalhes arqueológicos, porém os atores são americanos do século XX. A falta de precisão histórica é observada num pormenor: no “Cântico do Mar” é mencionado “O templo de D’us” (talvez o templo de Shilo), e o “monte de sua propriedade” (“Har Nahalateha”), isto é, a região montanhosa na qual se concentraram os hebreus na época de Saul. Como não temos dados suficientes sobre o modo de vida da época do Juizes, provavelmente nos escapam muitos anacronismos. Assim este cântico não serve como documento histórico para a explicação da geografia tribal da época da guerra de Débora. (ver mapa 3)

O Professor Tursinai, afirma que este cântico não foi entoado por Débora e seus contemporâneos, e sim baseado numa tradição mais antiga, a qual fundamentava-se ainda noutra história (6)

O professor Meltzer (7) supõe que o cântico foi composto na época em que se deu a batalha. Diz que seria difícil descrever com detalhes e com tantos nomes o que teria acontecido 250 anos antes

---

(6) — Tursinai, *Livro Ben Gurion*, p. 204, The World Society for Biblical Research (pp. 203-210).

(7) — P. Meltzer, *Iunim Besefer Shoftim* (estudos no livro de Juizes), pp. 131-140, The World Society for Biblical Research.

(8) A nossa pergunta é: se o cântico foi escrito na época de Saul, para encorajar o povo a lutar contra os filisteus, por que menciona os fracos e os covardes que não participaram da batalha?

Se nos propusermos a analisar a forma do cântico, surge um problema básico: esta é uma composição una? E se assim é, qual a sua estrutura?

O professor Dinur em seu livro *“Israel Beartzo”* (“Israel em sua terra”) explica claramente que é uma composição una, dividida em 3 partes. A 1ª parte é um hino a D’us; a 2ª descreve as tribos de Israel, a 3ª a vitória sobre Sisera. Cada uma das partes divide-se em 3 cantos, formados por 9 linhas cada um. O 1.º canto começa no vers. 2, que é a introdução. O povo se apresenta, assim como seus líderes, e este fato é abençoado por D’us. O 2.º canto da 1ª parte menciona as tribos de Israel e o 3.º canto é o estímulo do povo.

Dos versículos que seguem o professor Dinur excluiu Barak, assim como excluiu Jael mais adiante. Diz que é um acréscimo e não pertence ao texto; pois no início do capítulo está escrito “E cantou Débora”, isto é, no singular. Em seguida descreve as tribos, onde no vers. 15, novamente Dinur excluiu Barak, formando assim também 9 linhas. O 3.º canto relata a vitória sobre Sisera. Aqui novamente Dinur exclui a explicação de que Jael era mulher de Heber o queneu, ficando assim também 9 linhas. A seguir explica a morte de Sisera, também em 9 linhas; e finalmente o último trecho que descreve a espera da mãe de Sisera, em 11 linhas. Dinur explica que isto é proposital, pois o autor se delicia com este final e por isto o prolonga.

Achamos importante esclarecer alguns dos princípios básicos deste cântico:

- a) existe no cântico “D’us”
- b) existe com bastante ênfase “Israel”, não tribos, mas Israel.
- c) D’us é o D’us de Israel; isto é mencionado várias vezes.
- d) O povo é “povo de D’us” (esta expressão é encontrada no vers. 11, porém é subentendida também nos versículos 2,9, e 13.

Em cem palavras, mais ou menos, dos 13 primeiros versículos do capítulo encontramos mais de 20 vezes estas expressões (povo, D’us e Israel); isto provavelmente testemunha a importância deste pensamento.

---

(8) — Pfeiffer, Robert Henry *Introdução ao Velho Testamento*, também descreve o cântico como original e espontâneo da época de Débora.

A partir daí podemos deduzir que na época de Débora existia Israel. Sabemos que no período dos Juízes existiam tribos e não Israel. Devemos acentuar neste sentido uma idéia que nos parece simples e clara, mas pode-se chegar com certa lógica ao seu oposto. Débora repreende algumas tribos por não virem ao auxílio do povo; daqui pode parecer que não havia um povo unido, e sim tribos. Parece-nos, pela lógica, no entanto, o contrário. Se só existiam tribos por que a repreensão? Se existe a repreensão é sinal de que algo não está certo. Existe a consciência de que cada tribo deve participar dos interesses do povo.

No cântico são mencionadas 10 tribos: 6 que participaram da guerra, e 4 que não participaram. 10 tribos são Israel.

Podemos ainda deduzir algo em relação à crença no D'us de Israel naquela época; D'us não era o D'us de Canãa que Israel adotou dos cananeus quando se estabeleceu no país; Ele era o D'us dos conquistadores, e com Sua ajuda conquistaram Canãa.

Queremos chamar a atenção que na introdução (vers. 4 e 5) há muito movimento; em seguida, um trecho curto de cessação de movimento. Do vers. 10 em diante, novamente movimento, e aqui se subtende o incentivo à guerra. O movimento pára no vers. 16, com a repreensão às tribos. Percebemos a mesma calma no versículo seguinte. Do vers. 18 em diante o movimento aumenta cada vez mais (o galopar dos cavalos, etc) O vers. 23 sobre Meroz, que não quis tomar parte na guerra, parece uma exceção; pois todos os demais versículos entrelaçam-se em trechos de 2, 3 ou 4 versículos, dos quais se isola o versículo 23.

O cântico é caracterizado por paralelismo e pela repetição de uma palavra ou uma combinação de palavras, em várias linhas. O trecho sobre Jael é um paralelismo contrário para o trecho seguinte sobre a mãe de Sisera (9) Podemos ainda observar mais um paralelismo: Jael na tenda e a mãe de Sisera provavelmente no palácio, como observamos nas entrelinhas.

Vers. 1 a 3 (introdução ao cântico)

Esta, tal como outras predecessoras, é enfaticamente uma canção de D'us, para D'us, por D'us e apesar de o espírito devocional ou religioso penetrá-lo menos do que outros cânticos, tem a mesma nota-chave. Neste cântico o pensamento superior, é ainda da suprema dívida para com D'us, guardião de Israel, pelo grande triunfo. Por isso o primeiro dever é, render graças a D'us e abrir a canção com uma exalta-

---

(9) — Jael mata e a mãe chora a perda do filho.

ção alegre de gratidão ao Seu Nome. Mesmo o esforço e a bravura humana a D'us era devida, que também despertara o espírito de unidade patriótica entre dirigentes e povo que os tinha favorecido, tudo fora obtido pela benção e favor divinos. Daí a intimação a todos para louvarem D'us. No cântico, Débora se dirige aos chefes e príncipes cativos obrigando-os a ouvir, enquanto propala a quem é devida a glória; tal pode ser tomado como sarcasmo e desafio dirigidos aos ainda insubmissos, aos idólatras e chefes cananitas, uma advertência e aviso do perigo que correm, se persistissem em sua confederação contra Israel.

O vers. 3: “Ouvi, reis, dai ouvidos, príncipes: Eu, eu mesma cantarei ao Senhor, salmodiarei ao Senhor D'us de Israel”, seria provavelmente o início original do cântico.

Vers. 4 a 12 (primeira parte)

A primeira destas estrofes se inicia com uma solene mensagem direta a D'us, como se pronunciada sentindo-se a Sua presença próxima e como se asseverando que a batalha era de D'us — um costumeiro início de canções de triunfo, após o costume usado por Moisés. Pois a vitória faz reviver as glórias do Êxodo, com sua maravilhosa interposição da mão divina para a libertação de Israel; e assim, nos versículos 4.º e 5.º, descreve a Teofania ou aparição de D'us em favor de Seu povo na grande tempestade tão favorável a eles e destrutiva para o inimigo. Através de poderosas, ainda que poéticas frases, descreve a tempestada irrompida no sudeste entre as montanhas de Seir ou planaltos de Edom; e por um toque bizarro é associado sugestivamente o monte “Sinai”

Na 2ª estrofe, versículos 6 a 9, são rapidamente lembradas as circunstâncias miseráveis em que haviam caído nos anos imediatamente precedente à guerra, quando sob o tacão de ferro de Jabin. O país foi evacuado e desolado; tráfego e travessias quase cessaram, pois os planaltos estavam desertos e os homens tinham que se desviar para caminhos secretos ou passagens abandonadas nas montanhas; tão difundido era o senso de perigo e degradação de ser visto em qualquer jornada. Tudo isto era devido à idolatria e falta de fé, pois desde o tempo em que tinham “novos deuses”, nada havia senão discórdia e rapina “então a guerra estava às portas” A organização política estava interrompida, bandos de assaltantes estavam livres para atacar os cidadãos e poucos tinham coragem ou armas para se defenderem.

Mas tudo foi de repente posto para trás. Débora fica consciente de sua grande vitória e da forte transformação que ela traz; e lembra quanto foi devido aos chefes e ao povo que haviam respondido ao

seu chamado patriótico e haviam se erguido em seu novo e irresistível poder de sua antiga fé. Ela os chama para que se juntem na glorificação de D'us, que os havia inspirado.

Quando Débora conclama o povo, nota-se que há uma divisão no mesmo, que hoje chamaríamos de classe alta, média e baixa. “ bendizei ao Senhor (vers. 10) vós os que cavalgais jumentas brancas”, isto é: vocês nobres e grandes. Jumentas de cor branca, sem manchas, eram animais raros e caros e somente poderiam ser montados por pessoas que pertencessem, à classe mais abastada. “ que vos assentais em juízo”, ou seja: vocês que sentam em ricos tapetes, ou reclinam-se em divã, são os mais velhos, oficiais, juizes ou aqueles que tinham uma situação confortável e pertenciam à classe média; enquanto que: “ .e que andais pelo caminho, falai disto”, são a maior massa, os que andam a pé.

Versículos 13 a 22 (segunda parte)

Débora, passando em revista a contribuição de cada um, paga tocante tributo às tribos que tinham finalmente obedecido sua convocação e vieram ao seu chamado.

O vers. 13 deve ser tomado no sentido de simples narração, mas não é impossível que seja um dramático registro de sua ordem militar. De qualquer modo é claro e certo que aqueles se juntaram no monte Tabor e desceram sobre o inimigo.

Esses eram os montanhese de Efraim, cujas fortalezas estavam entre os velhos Amalekitas; um grupo de Benjamitas com seu grito de guerra; “governantes” ou líderes valentes “fora de Machir”, ou seja, Manassé ocidental; escolheram guerreiros fora de Zebulun, cuja peculiar descrição “os que levam a vara de comando”, parece referir-se ao seu alto posto na direção dos guerreiros; enquanto aqueles de Issachar eram “príncipes” na guerra, coração e alma com Débora, “Issachar era a esperança de Barak”, ainda mais, com seu ímpeto de lançar-se com ele no vale para encontrar no sopé os temíveis carros de ferro. (ver mapa 3)

Mas, se Débora louva os fortes, ela abomina os covardes. Entre estes contavam-se: a tribo pastoral de Reuben, que nessa e em outras ocasiões não participou, e que também desta vez debateu e deliberou tanto, que o momento da ação havia passado. As tribos nômades em Guilead, além do Jordão, os homens de Gad e a metade oriental de Manassé, que se retiveram ignominiosamente em Havot-Jair ou vilas de tendas em seu planalto, ou eram assinalados por sua ausência, por terem permanecido junto de seus interesses perto do mar

O contraste é revelado por uma posterior referência à conduta magnânima das duas tribos mais setentrionais, que mais perderam e sofreram sob a grande opressão e a quem coube a maior honra. Zebulun, com toda a generosa empresa de uma comunidade marítima “um povo que expôs a sua vida à morte”, e Naftali, apesar de ser conhecido como um tímido camponês, estava igualmente à frente, “nas alturas do campo”

Mais estranho, porém, é o fato de que a tribo de Judá e seu vizinho ao sul, Simeão, não são nenhuma vez mencionados como tendo tomado qualquer parte na ação; assim também a tribo de Levi.

Versículos 23 a 31 (terceira parte — conclusão)

Nesta última estrofe temos novamente três partes: a maldição sobre Meroz (10), o episódio de Jael e o diálogo e cena no palácio de Sisera em Haroshet-Hagoin. O que se pode chamar de coro final, no vers. 13, é o solene final e coroação da canção.

A canção se encerra com uma apóstrofe ou predição de um igual e certo desapontamento e final fatal para cada causa má, quão mais claro deve brilhar o curso do reino de D'us na terra; é um princípio, uma predição e uma oração.

O Cântico de Débora é a maior obra da poesia hebraica e merece um lugar de destaque entre as melhores canções de vitória já escritas. Com fino senso dramático, o poeta contracena uma série de episódios separados, cada um dos quais tem conteúdo próprio, para parar abruptamente no clímax, deixando para a imaginação do leitor uma visão da inevitável sequela.

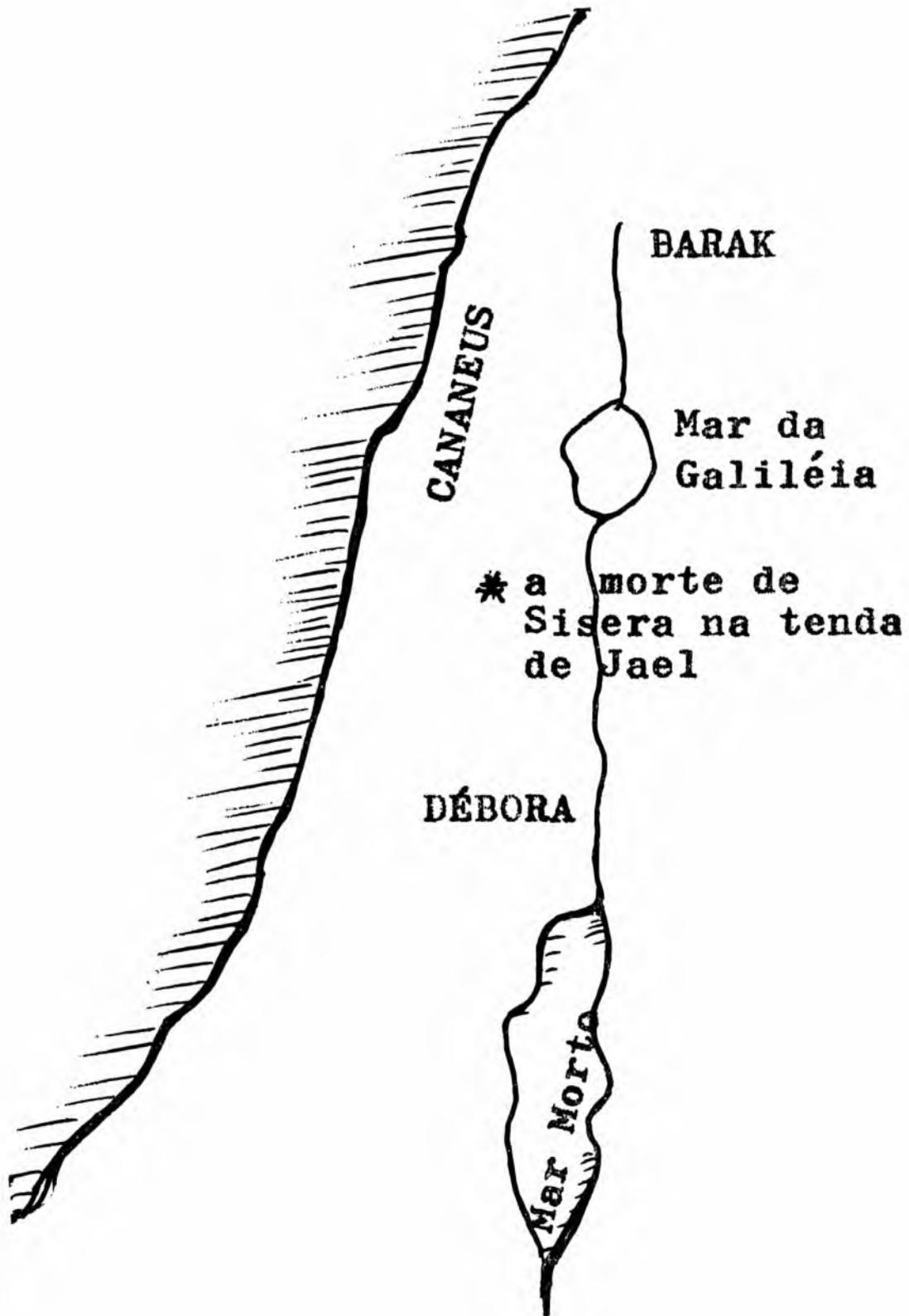
#### BIBLIOGRAFIA

- 1 — *The World History of the Jewish People*, vol. III: Judges. Tel-Aviv, Massada Publishing Co., 1971.
- 2 — *Hahevrá Leheker Hamikrá* (A Sociedade de Pesquisa Bíblica) — *Iunim Besefer Shoftim* (Estudos no Livro de Juízes) — Jerusalém, by Kiryat Sepher Ltd., 1966.
- 3 — *Hahevrá Leheker Hamikrá* (A Sociedade de Pesquisa Bíblica) - *Sefer Ben Gurion* (O Livro de Ben Gurion), Jerusalém, by Kiryat Sepher Ltd., 1964.

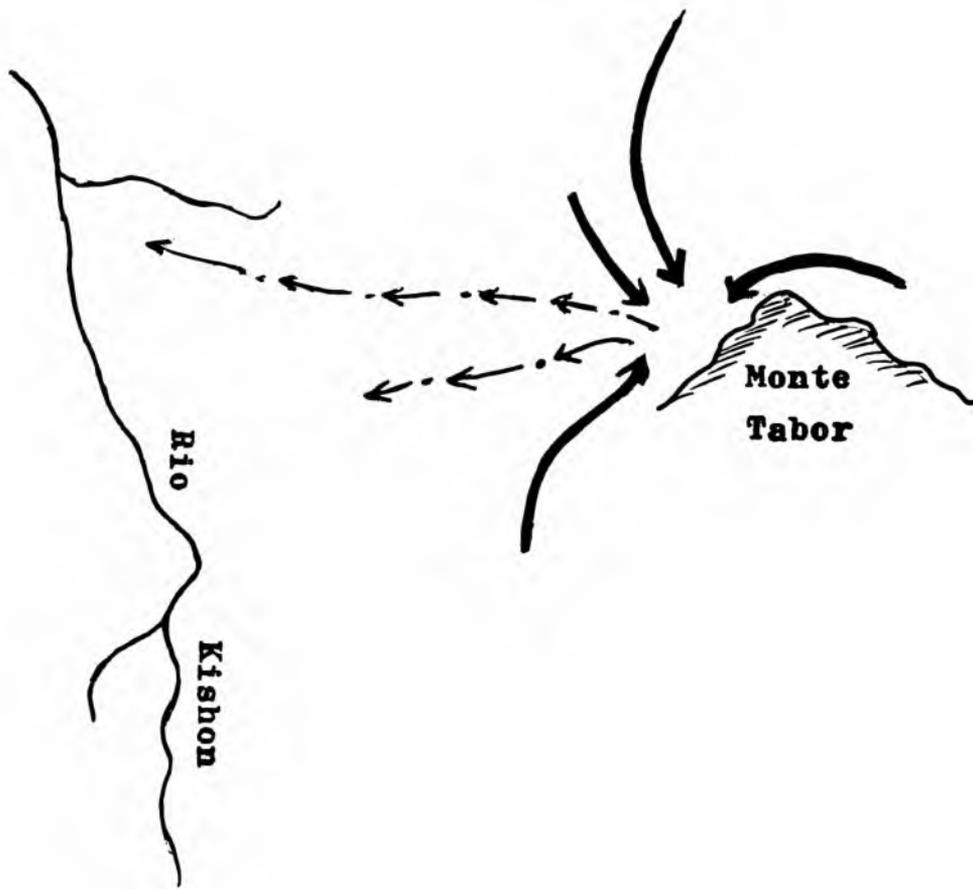
---

(10) — O sítio de Meroz não foi determinado. Parece ter sido na rota, ou dos esquadrões fugitivos de Canaan, ou do fugitivo Sisera, em algum lugar nas fronteiras de Issachar e Zebulun. Seu crime era não ter avisado ou feito algum sinal num momento crítico. Seu nome foi desonrado e amaldiçoado para todo o sempre.

- 4 — Iochanan Aharoni, *Atlas Carta Litkufat Hamikrá* (Carta's Atlas of the Bible) Jerusalém, The Hebrew University of Jerusalém, by Carta, 1974
- 5 — *Atlas Histori Shel Am Israel* (Atlas Histórico do Povo de Israel), Tel-Aviv, by J. Szapiro, Copyright, 1958.
- 6 — *Encyclopaedia Judaica*, vol. V, Editora Keter.
- 7 — Harry M. Orlinsky, *Ancient Israel*, New York, Cornell University Press, brew Union College, 1954.
- 8 — Max L. Margolis et Alexandre Marx, *Histoire du Peuple Juif*, Paris, Payot, 1930.



A BATALHA CONTRA OS CANANEUS



Força militar dos Cananeus



Exército de Débora e Barak



GEOGRAFIA TRIBAL DA ÉPOCA DA  
GUERRA DE DÉBORA.

